

Maria Fernanda Costa Pereira

**A velhice e a perda do direito de escolha:
Um estudo de caso sobre a série Grace & Frankie**

**Uberlândia
2019**

Maria Fernanda Costa Pereira

**A velhice e a perda do direito de escolha:
Um estudo de caso sobre a série Grace & Frankie**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Instituto de Psicologia da Universidade Federal de
Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do
Título de Bacharel em Psicologia.
Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Avelino da Silva

**Uberlândia
2019**

Maria Fernanda Costa Pereira

**A velhice e a perda do direito de escolha: um estudo de caso sobre a série
Grace & Frankie**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Avelino da Silva

Banca examinadora:
Uberlândia, 01 de julho de 2019

Prof. Dr. Luiz Carlos Avelino da Silva (Orientador)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia-MG

M.a Juliane de Oliveira Silva (Examinadora)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia-MG

M.a Luciana Macedo Donadeli (Examinadora)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia-MG

UBERLÂNDIA

2019

Agradecimentos

A todas as energias e seres de luz habitantes no universo que me guiaram e me proporcionaram caminhos e possibilidades a serem seguidos.

Aos meus pais, Cida e Haroldo, por tudo. Todo amor, carinho, suporte e dedicação oferecidos durante toda a minha vida, mas principalmente nesses últimos cinco anos de formação.

A minha irmã, Larissa, por estar sempre ao meu lado, oferecendo amor, compreensão e carinho.

Ao meu cachorro, Pancinha, por ser minha principal companhia em todo o processo de escrita desse trabalho.

Aos meus amigos, por me acompanharem em todas as crises e desesperos, oferecendo sempre doces palavras de incentivo e motivação.

A todas as pessoas que perpassaram pelo caminho da minha graduação e, que de alguma forma, me marcaram e me possibilitaram conhecimentos sobre o ser e sobre a vida.

Ao professor Dr. Luiz Carlos Avelino da Silva, meu orientador, pelo suporte.

Ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (IPUFU), por possibilitar a realização da graduação em Psicologia e contribuir para a minha formação como Psicóloga.

Sumário

Introdução	3
1. Considerações sobre a velhice	5
Método	10
Análise e Discussão	12
1. Sobre Grace & Frankie, a velhice e a dependência	12
2. Negação da velhice	14
3. Medo de ser tutelada	17
4. A perda do direito de escolha	21
Considerações Finais	25
Referências Bibliográficas.....	27

Lista de Figuras

Figura 1: Grace e Frankie no Teatro.....	14
Figura 2: Frankie e Bud.	15
Figura 3: A lista negativa.	16
Figura 4: A evitação do contato com os filhos.....	18
Figura 5: A ocultação de situações dos filhos.	18
Figura 6: A lista positiva.....	20
Figura 7: Filhas de Grace convencem Frankie.....	22
Figura 8: Filhos de Frankie convencem Grace.	22
Figura 9: Manipulação dos filhos.....	23
Figura 10: Negação direito de escolha.	24

Resumo

Somos ‘ensinados’ desde pequenos a temer a velhice, a encará-la quase como uma doença. Sobre ela se coloca eufemismos para amenizar essa sensação e criar uma realidade ilusória. Em uma sociedade onde o jovem é exaltado e a juventude idolatrada, o corpo envelhecido não assume lugar de destaque, muito pelo contrário, ocorre uma marginalização do sujeito velho. Esse estudo teve como objetivo analisar e discutir o envelhecimento feminino e a perda do direito de escolha, retratado em três episódios de uma série intitulada *Grace & Frankie*. Para isso utilizou-se os métodos de pesquisa qualitativa com enfoque no estudo de caso. A partir da análise de conteúdo, foram propostas três categorias para análise, sendo elas: *negação da velhice, medo de ser tutelada e perda do direito de escolha*. Ainda que o seriado esteja em uma plataforma de streaming paga, onde o conteúdo é disposto a um limitado número de pessoas, cabe destacar a importância que hoje o mesmo assume em relação à mídia. A partir do material analisado, nota-se que a concepção de velhice é rejeitada pelas ideias que o conceito evoca, porém, se percebe que a negação da velhice ocorre não somente por isso, mas pelo entendimento de que ao negar o envelhecimento estarão também negando as possibilidades de sofrerem as consequências de ser uma mulher velha na sociedade. É perceptível a maneira como a perda de independência encontra justificativas para a sua realização e manutenção – ainda que não plausíveis. Destaca-se a importância da preservação da independência como contribuição para o bem-estar subjetivo.

Palavras-chave: velhice; perda de direitos; negação; dependência.

Abstract

We are 'taught' from childhood to fear of old age, to regard it almost as an illness. On it euphemisms are used to soften this sensation and create an illusory reality. In a society where the youth is exalted and the youth idolized, the aged body doesn't assume a prominent place, in otherwise, there is a marginalization of the old subject. This study aimed to analyze and discuss female aging and the loss of the right to choose, portrayed in three episodes of a series entitled *Grace & Frankie*. For this, we used the qualitative research methods with a focus on the case study. From the analysis of content, three categories were created for analysis: *negation of old age, fear of tutelage and loss of the right to choose*. Although the series is in a platform of paid streaming, where the content is willing to a limited number of people, it is important to emphasize the importance that this one assumes in relation to the media. From the material analyzed, it is noted that the conception of old age is rejected by the ideas that the concept evokes; however, it is perceived that the negation of old age occurs not only for this reason, but also because of the understanding that in denying aging they will also be denying the possibilities of suffering the consequences of being an old woman in society. It is noticeable how the loss of independence finds justifications for its realization and maintenance – albeit not plausible. The importance of preserving independence as a contribution to subjective well-being is highlighted.

Keywords: old age; loss of rights; denial; dependence

Introdução

Como escrever sobre o que não se fala? Sobre aquilo que se ignora? Sobre o que, apesar de estar presente em todos nós, fingimos não perceber? Por essas questões, dissertar sobre a velhice surge como um desafio. Digo isso pela complexidade exigida ao escrever sobre o que se percebe apenas no outro, apesar da consciência de sermos seres destinados ao envelhecimento. Somos ‘ensinados’ desde pequenos a temer a velhice, a encará-la quase como uma doença. Sobre ela se coloca eufemismos para amenizar essa sensação e criar uma realidade ilusória. Por que não tentar vê-la apenas como um processo do desenvolvimento do ser?!

O interesse pelo tema foi despertado a partir de uma disciplina lecionada no curso de Psicologia, voltada para o desenvolvimento do adulto, onde o retrato da velhice nos foi passado de uma forma sensível e melancólica. A velhice pouco se faz presente na grade curricular do curso de Psicologia, compreende-se as dores, tristezas e alegrias na visão da criança, do adolescente e do adulto, mas em relação ao envelhecer, apenas se reproduz uma exclusão que já ocorre no meio social. O velho assume o lugar de não-importante e de não necessário. O interesse no assunto, justifica-se, portanto, com um trecho do poema de Manoel de Barros (2003):

“Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim esse atraso de nascença. ”
(Barros, 2003, p. IX)

Dessa forma, por olhar para o que não se olha e falar do que não se fala, dar respeito e importância ao que é considerado desimportante, que a velhice se coloca como tema principal deste trabalho de conclusão de curso.

Os estudos sobre o envelhecimento me levaram a uma série televisiva denominada *Grace & Frankie*. Trata-se de um seriado americano, escrito e dirigido por Marta Kauffman e Howard J. Morris, criado no ano de 2015 e exibido pela plataforma digital Netflix. O enredo da série se baseia na história de duas mulheres, Grace (Jane Fonda) e Frankie (Lily Tomlin), ambas com setenta anos, que se veem forçadas a conviverem uma com a outra após descobrirem que seus maridos são homossexuais e que possuem um relacionamento há mais de vinte anos. A primeira temporada tem um maior foco no processo de construção da relação das duas em meio ao período de envelhecimento, porém a partir das temporadas que se seguem, a história da série, tendo como tema principal a velhice, perpassa por subtemas principais como invisibilidade, solidão, redescobrimento da sexualidade e por fim, a perda de independência e do direito de escolha. *Grace & Frankie* tornou-se o objeto de estudo deste trabalho por trazer, tanto em episódios cômicos quanto em episódios dramáticos, um retrato contemporâneo da velhice. O seriado conta com cinco temporadas disponibilizadas na plataforma e com a sexta temporada em produção.

Torna-se, previamente, necessário explicitar que o recorte apresentado é feito a partir de uma concepção americanizada de realidade do envelhecimento, trazendo em foco a velhice de duas mulheres idosas brancas e de classe média alta, apresentando um estilo de vida que pode vir a não corresponder com a realidade da maioria das idosas brasileiras. Portanto, faz com que haja um viés romantizado dessa fase do desenvolvimento, evidenciando situações que poderiam ter desfechos diferentes se ocorressem em outras realidades, com mulheres de raças ou classe sociais distintas. Entretanto, ainda assim, a série traz importantes discussões sobre o envelhecimento, possibilitando uma maior visibilidade a mulheres velhas, expondo temas que dificilmente são abordados nas mídias televisivas. Em meio as questões suscitadas pela série, esse estudo se propõe a analisar e discutir, a partir de referências bibliográficas, o

envelhecimento feminino e a perda do direito de escolha, retratado principalmente nos três episódios finais da quarta temporada.

1. Considerações sobre a velhice

Em *A velhice* (1990), Simone de Beauvoir disserta que “a velhice é um destino”, por ser um destino entende-se então, que todos que estão vivos tendem a envelhecer, como um processo natural da vida do ser humano. Contudo, mesmo sendo algo que acomete a todos, o envelhecer ocupa na contemporaneidade o lugar do não-dito; falar sobre o que geralmente provoca horror, é atípico. Em uma sociedade onde o jovem é exaltado e a juventude idolatrada, o corpo envelhecido não assume lugar de destaque, muito pelo contrário, ocorre uma marginalização do sujeito velho. Há um olhar que condena o envelhecer, como se houvesse uma “proibição” – não expressa, mas sentida – de que pessoas idosas possam continuar experienciando a vida e tendo um deslumbramento em relação a ela (Rosa & Vilhena, 2016).

A proibição do envelhecimento pode ser considerada como um retrato da estigmatização da velhice. Goffman (1963) define estigma social como um sinal, marca ou cicatriz que coloca o indivíduo como inapto para uma aceitação completa. O conceito de estigma tem forte relação com a identidade social, sendo essa caracterizada por ser a imagem que o sujeito expõe de si no ambiente social. Quando há uma característica que foge do modelo padronizado de beleza ou que é considerada diferente, o sujeito passa a ser reduzido a somente aquela característica, deixando de ser humano e passando a ser apenas aquilo que é depreciativo ou “estragado”. Assim, o sujeito que envelhece, aos olhos da sociedade, deixa, portanto, de ser um sujeito e passa a ser somente velho, não havendo mais o homem ou a mulher, mas sim o velho e a velha, o idoso ou a idosa.

O estigma presente na velhice passa a ser tão resistente que até mesmo o termo velho/velha assume um caráter pejorativo. Procura-se usar sinônimos e eufemismos, para

diminuir o peso que o termo carrega. Usa-se “melhor idade”, “terceira idade” “gerontolescência” e até mesmo o “idoso” para não se dizer velho.

Vilhena Novaes et. al (2017) afirmam que essa maneira de lidar com a velhice a partir de eufemismos, provoca a evitação do confronto real com as dimensões que integram o termo, fazendo assim com que se abafe a ideia de envelhecimento. Entendendo as dimensões que abarcam os termos, esse trabalho procurará não se utilizar de eufemismos e vocabulários adotados, procurando trazer o “velho/velha/idoso/idoso” ao se referir a aquele que envelhece.

Mas o que é ser velho? Segundo o Dicionário Online de Português (2018), Velho é alguém: “que tem idade avançada; [...] que existe há muito tempo; [...]”. Porém, conceituar o velho somente pelo viés do idadismo soa um tanto superficial. A conceituação e definição de velhice geralmente provoca a concepção de que há uma idade, tal como uma linha demarcatória, onde a partir do número alcançado, a pessoa é ou não é considerada velha. Nos habituamos a ideia de que velho é aquele que possui uma idade mais alta que a maioria. Porém, percebe-se que o envelhecer é relativo, tanto em relação ao tempo quanto ao espaço. Um número de idade pode não definir como a pessoa realmente se sente, ou se percebe no mundo. O processo de envelhecer é um fenômeno absoluto, acarretando a todos de forma universal e tende a ocasionar transformações que não podem ser evitadas. No entanto, o envelhecimento não é sequencial e não acomete a todos da mesma maneira. A forma com que a velhice será vivida, depende de inúmeros motivos e fatores, podendo esses serem sociais, biológicos ou psicológicos. Dessa maneira, a velhice é formada a partir de múltiplos olhares, fazendo com que seja não somente uma noção de velhice, mas sim, várias concepções de velhices (Oliveira, 2012). Sendo assim, entendendo que a velhice ocorre de maneiras diversas para cada indivíduo e por isso são velhices, no plural, defini-la torna-se extremamente difícil, pois irá depender inteiramente de como o sujeito se percebe e de como é percebido pelo os que o cercam (Altman, 2011).

Beauvoir (1990) afirma que o velho é sempre o outro, ou seja, o ser que envelhece dificilmente percebe o seu envelhecimento, não imagina a velhice em si próprio, e o jovem posterga a ideia de que um dia irá também envelhecer. Isso porque ao se pensar no envelhecimento, tende-se a trazer em mente as próprias vivências e histórias, e geralmente, acaba-se relacionando o envelhecimento com o fim da vida, como se o viver estando envelhecido significasse que não há mais o que ser vivido. Ao fazer essa relação, pensar o envelhecer como o perecimento da vida, faz com que este assuma um carácter de horror e, portanto, se evite pensar sobre ele (Vilhena Novaes et. al, 2017).

A relação feita entre envelhecer e morrer provoca um distanciamento da ideia de velhice, contribuindo para a marginalização da mesma frente a sociedade. Goffman (1963) atribui que quando um grupo é estigmatizado e retratado apenas pelo o que os diferencia dos demais, rebaixando-os, há uma naturalização desse comportamento, fazendo com que isso seja internalizado pelos membros deste grupo, provocando uma autoexclusão causada pelo sentimento de não-pertencimento no meio social. Dessa forma, ao entender o estigma que traz a ideia de velhice, compreende-se que o idoso por meio da rejeição em relação a autoimagem imposta pela sociedade, acaba por internalizá-la, aceitando o não-lugar perante ao corpo social (Vilhena Novaes et. al, 2017).

A marginalização, condenação e preconceito frente ao envelhecer tem também como fator a cultura neoliberal voltada para o desempenho, obedecendo constantemente às leis do mercado, fazendo com que só tenha valor aquele produz. Dessa forma, aquilo que não produz não tem valor e assim, o velho é colocado na posição de peso morto, sem função dentro da sociedade (Vilhena et al., 2013). Com essas condições impostas, ser uma pessoa velha e continuar experienciando a vida e se deslumbrando diante dela, soa como uma afronta (Rosa & Vilhena, 2016). A solidão se apresenta como um pavor, como algo a ser evitado a todo custo. Goldenberg (2011) constatou em sua pesquisa que as mulheres mais velhas, ainda que tenham

alcançado realização profissional, preocupam-se de forma excessiva com o corpo e com a solidão. A satisfação aparece quando se há a presença de uma companhia, sendo no estudo representado pela presença de um homem. Houve a preferência pela terminologia “companhia” por entender que essa pode ser provinda tanto em relações com mulheres quanto com homens.

A solidão é sentida realmente em casos onde há doenças que provocam determinada dependência do cuidado do outro, podendo haver um maior isolamento nesses casos (Mesquita, 2011). Capacidade de manter antigos relacionamentos sociais e de construir novos continuam a se desenvolver no decorrer da vida, o que pode ser usado para tornar as situações de solidão mais suportáveis e não tão sofríveis como se imagina (Salgado, 2002). Embora em muitos momentos a solidão se apresente como um temor, em outros ela se manifesta como um desencadeador e sinônimo de liberdade e de independência. A partir do contato com a solidão, com o “não ter uma companhia”, principalmente as mulheres velhas, podem ver o ‘estar só’ como um momento de estar consigo e ter a liberdade de realizar, dentro das possíveis condições, aquilo que se deseja (Mesquita, 2011).

A liberdade que pode ser alcançada está atrelada principalmente a sentimentos de autonomia e independência. Entende-se o conceito de autonomia como o exercício das próprias vontades considerando as limitações e possibilidades existentes e de independência como a habilidade de realizar atividades do cotidiano sem a necessidade de ajuda do outro. Dessa forma, compreende-se que o envelhecimento não impede o exercício e prática das vontades pessoais (Bredemeier et. al, 2011). Porém, há determinados fatores que podem condenar a pessoa idosa a dependência, sendo doenças e/ou a falta de recursos as principais. As enfermidades sentenciam a uma submissão aos desejos e vontades do outro. Resistir a essa dependência na velhice se assemelha a uma luta, onde há um vencimento parcial a medida em que se é possível ser útil (Debert, 2016). Assim, entende-se que a perda de autonomia e de

independência está atrelada não somente a doenças, mas também a capacidade de se manter sendo útil.

A autonomia e independência na velhice, ainda que possua determinadas limitações, deve ser mantida e preservada, entendendo que é fundamental e imprescindível reconhecer e perceber a importância de exercer as próprias vontades e decisões nessa fase da vida. Dessa forma, o exercício da autonomia e da independência se relacionam com qualidade de vida, no sentido de que a definição dessa inclui a liberdade de poder exercer as próprias escolhas e vontades (Bredemeier et. al, 2011).

Ainda assim, é importante compreender que a velhice é uma etapa da vida onde há uma maior experiencição de perdas, isso porque elas assumem uma maior extensão dentro do cotidiano, fazendo com que a pessoa envelhecida veja suas potencialidades reduzidas. Não há mais o contato com o trabalho, não há a beleza dentro do padrão estabelecido, há uma diminuição da convivência com os amigos e em muitos casos há o óbito destes, não há uma saúde completamente plena, há danos em relação à família, ao bem-estar econômico, e outros (Oliveira, 2012). Porém, compreender a velhice exclusivamente como uma fase de perdas, a reduz a uma ótica simplista, não contemplando o envelhecimento em sua totalidade. O envelhecer deve ser compreendido como uma fase do desenvolvimento humano marcado por inúmeras mudanças (Rosa & Vilhena, 2016). Sendo possível de ser percebido também como momento de se refazer, de se redescobrir, explorando novas possibilidades e, desenvolvendo potenciais que estavam antes adormecidos (Altman, 2011).

Entende-se assim que, a velhice assume múltiplas faces, recheada de dualidades e contradições, essa nova imagem multifacetada do envelhecimento aparece bastante marcada na série televisiva *Grace & Frankie*. Debruçando-se sobre essa série, esse trabalho se propôs a analisar e discutir o envelhecimento a partir da perspectiva feminina atrelado a perda do direito de escolha.

Método

Na realização desse trabalho optou-se pela metodologia qualitativa, considerando o qualitativo como um compartilhamento profundo de significados que apenas são perceptíveis a partir de uma análise sensível e profunda e que possui como objeto de pesquisa pessoas, fatos ou locais, para assim, extrair desses as significações (Chizzotti, 2003). Dessa forma, a metodologia qualitativa foi utilizada neste trabalho principalmente por prezar pela relação do pesquisador com o objeto de pesquisa, assim, os materiais de análise foram construídos, ou emergiram por meio dessa relação.

Entre os diversos tipos de pesquisas qualitativas e técnicas, optou-se por um estudo de caso de uma trama apresentada em três episódios da quarta temporada da série *Grace e Frankie*, o envelhecimento feminino priorizando a relação com a perda do direito de escolha.

O estudo de caso caracteriza-se por ser um tipo de análise qualitativa, podendo ser definido como uma análise detalhada de uma determinada situação ou fenômeno (Bressan, 2000). O método permite reunir informações de maneira precisa sobre o tema, fazendo com que seja possível haver discussões sobre o material recolhido e conclusões sobre o fenômeno em particular (Freitas & Jabbour, 2011). A preferência pelo estudo de caso justifica-se por essa ser uma metodologia utilizada no estudo de situações contemporâneas, onde não é possível fazer uma manipulação desses eventos, mas há a possibilidade de observações direta dos mesmos. Dessa forma, o método possibilita lidar com uma amplitude de evidências, seja por meio de observações, documentos, arquivos e outros (Bressan, 2000).

O material analisado corresponde aos três últimos episódios da quarta temporada da série *Grace & Frankie*. A escolha justifica-se principalmente por esses tratarem do tema da perda/retirada do direito de escolha e da autonomia de si. A questão é desencadeada após a banheira despencar do segundo andar, obrigando as personagens principais a procurarem um empreiteiro para a reforma da casa. Grace é completamente influenciada pelo empreiteiro,

depois de ele citar um amor de seu passado, ela passa a confiar cegamente, a ponto de deixá-lo sozinho em sua casa. Ao voltar, percebe que caiu em um golpe, pois todo o revestimento de sua casa havia sido roubado. Enquanto isso, Frankie segue um caminhão de sorvete para acalmar a neta, que somente dorme ao andar de carro. Ao fazer isso, acaba indo parar no México e fica impossibilitada de voltar pois está legalmente morta. Seu filho, que a busca, passa a considerá-la incapaz de cuidar da própria neta. Por conta dos entulhos na casa causados pelo roubo, Grace machuca o joelho.

Nos episódios que seguem, é mostrado as tentativas das duas de esconder as situações – a morte em lei, o joelho machucado e a casa destruída –, de seus filhos e dos seus ex-maridos na esperança de continuarem sendo tratadas como mulheres conscientes de si e capazes. Porém, são descobertas. Após isso, em todo o desenrolar do episódio, seus filhos conseguem que sejam internadas em uma casa de repouso a partir de uma manipulação feita com elas, as fazendo acreditar que somente se mudariam para cuidar uma da outra. Nessa instituição, todos os seus desejos e vontades são negados, o individual não é considerado, somente o coletivo. Ao perceberem todo o movimento manipulativo de seus filhos e não se reconhecerem naquele ambiente, elas fogem, porém, ao chegar em casa percebem que a mesma havia sido vendida.

A partir da trama descrita, os procedimentos de análise que mais se adaptavam a proposta foi a de análise de conteúdo, definida e estruturada por Bardin (1977). Neste trabalho fez-se uma apropriação pessoal desse procedimento citado. A autora define a análise de conteúdo como uma maneira aprofundada de análise utilizada na descrição e interpretação de conteúdo. Consistindo em uma dissecação dos conteúdos em unidades e, seguidamente de uma classificação desses por semelhanças. A interpretação do material analisado é feita de maneira pessoal, a partir do afetamento que o objeto de pesquisa provoca no pesquisador. Sendo assim, a interpretação do material que emergiu sobre a imersão nos episódios e categorização do material foi realizada de acordo com o que esse mobilizou na pesquisadora. Com isso, as

categorias encontradas foram: negação da velhice, medo da tutelação e perda do direito de escolha. Neste caso, considerou-se na categoria negação da velhice as situações e/ou cenas nas quais as personagens principais renunciam a ideia e a autoprocamação de serem pessoas velhas. Na categoria medo da tutelação, levou-se em consideração cenas onde o assombro da dependência se fazem presentes, isto é, cenas e situações em que o temor a dependência aparece e as consequências que isso traz para os relacionamentos das personagens. E por fim, na categoria de perda do direito de escolha, foram consideradas situações e cenas nas quais as personagens principais possuem seus direitos e vontades negados ou manipulados.

Análise e Discussão

1. Sobre Grace & Frankie, a velhice e a dependência

Repensar o envelhecimento é um processo constante, isso porque assume diversas nuances, contradições e complexidades. O seriado Grace e Frankie assume um papel de grande importância nesse movimento, a representatividade da velhice em seriados e filmes pode dar protagonismo e uma nova visão ao envelhecimento, não o reduzindo a algo ultrapassado, procurando transformar os estereótipos negativos e mostrar que ainda há potência naquele ator social (Vilhena Novaes et. al, 2017). A série retrata, ainda que romantizada, uma nova face do envelhecimento feminino, exibindo situações tanto de uma velhice ativa, de reconstruções e de expressões do desejo, quanto situações de dificuldades físicas, de apagamento social, de decrepitude, de solidão e outros.

O pavor da solidão é constantemente presente, sendo o principal elo da relação entre Grace e Frankie. Por vivenciarem situações semelhantes, encontram na amizade, a possibilidade de serem compreendidas e de não estarem só. Mesmo possuindo filhos e netos, o medo da falta de uma relação afetiva, uma relação de cuidado e de compreensão, promove a construção de um relacionamento entre as duas. Dessa maneira, estabelecem um relacionamento entre si para que evitem de sentir o peso da solidão e do abandono na velhice. Isso se torna perceptível ao

analisarmos a relação estabelecida entre Grace e seu ex-marido Robert, na qual já não havia sentimento algum. Porém, por mais sozinha que estivesse ao lado do ex-companheiro, era melhor sentir a solidão de estar ao lado de quem não a ama do que estar sem ninguém. Grace, inclusive, questiona Robert o porquê de não a ter deixado quando era mais jovem, demonstrando a crença de que por estar na velhice, não haveria mais possibilidades de encontrar esse sujeito protetor. Reforçando também a ideia de que um corpo só pode ser desejado ou só pode experimentar novas sensações ao ser um corpo juvenil, Grace renúncia de antemão a crença de uma possibilidade de viver a vida na velhice.

A relação estabelecida entre Grace e Frankie, pode ser explicado por Dowling (1982 como citado em Mesquita, 2014). A partir da teoria do *Complexo de Cinderela*, essa se refere a percepção de que desde a infância as mulheres são criadas para a dependência, ou seja, desde cedo são ensinadas a precisar de alguém, pois é nutrida a ideia de que são frágeis e que por isso há a necessidade de proteção. Essa função geralmente é designada ao homem, que deve ser o companheiro amoroso/afetivo. Porém quando não há a presença desse homem exercendo essa função, a sensação que se tem é de nudez e de temor.

Ao decorrer das temporadas, o que se percebe é que esse lugar de protetor é assumido por ambas, na vida de Frankie quem a cuida, a protege e nutre as suas necessidades de atenção e de afeto, é a Grace. E na vida de Grace quem exerce essas funções é Frankie. Ainda que a relação estabelecida não seja sexual, pode-se dizer que assim como os seus ex-maridos, Grace e Frankie se unem em uma relação afetiva, de companheirismos e de reciprocidade. Ressalta-se que essa união ocorre não pelo desejo erótico, mas sim pelas necessidades, pelos medos e receios compartilhados e principalmente pela identificação.

2. *Negação da velhice*

Desde a primeira temporada, a série aborda as dificuldades de Grace e Frankie se perceberem como mulheres velhas. Possuem a compreensão de que não estão na juventude, mas que também não estão na velhice, quase como se estivessem em um ‘limbo’, que separa o adulto do velho. Na série, Grace ao tentar convencer um trabalhador do teatro para que Frankie e ela possam entrar mais cedo para poderem ficar sentadas, e assim seus filhos não notem o joelho machucado e o uso da bengala por Grace, é percebida como uma idosa. E ao ser chamada de idosa e de alguém com necessidades ‘especiais’, reage com raiva, subornando-o para que não conte aos seus filhos a situação. Apesar da realidade ser de que é uma mulher idosa e de que naquele momento precisava de auxílio, a ideia de ser notada como uma pessoa velha soa como insulto.



Figura 1: Grace e Frankie no Teatro. Fonte: Episódio “Os ratos” da Série Grace & Frankie (Os ratos, 2018).

Goldenberg (2011) disserta que a pessoa velha dificilmente se reconhece como alguém velho, isso ocorre porque a percepção que carrega de si é a que possuiu ao longo da vida, ou seja, a pessoa irá se perceber como sempre se percebeu. As dificuldades de observar o envelhecimento para si acontecem principalmente por envolver a auto percepção, já o envelhecimento em si é perceptível, já que, esse é notável pelo o olhar e observação do outro,

e que por muitas vezes, faz com que a velhice seja escancarada, mesmo que o ser que a possui não perceba (Beauvoir, 1990).

Na Figura 2, Frankie ao ser tratada como uma pessoa idosa e incapaz de cuidar de si e do outro, por ter se perdido e ido parar no México com a neta, diz o que pensa ser definições de uma pessoa idosa, que no caso é alguém ‘gagá’ e alguém que está tendo um derrame, a imagem evocada por si da velhice é negativa, e por isso não se identifica com ela. As dificuldades encontradas para aceitar o envelhecimento em si, diz respeito as imagens sociais e pessoais que estão relacionadas a velhice. Ao se pensar em algo velho, o que se costuma trazer em mente é a imagem de decrepitude, de invalidez e por muitas vezes a morte. Aceitar esse envelhecimento, estaria relacionado a assumir também os estereótipos e os estigmas que a velhice possui (Vilhena Novaes et al, 2017).



Figura 2: Frankie e Bud. Fonte: Episódio “A banheira” da Série Grace & Frankie (A banheira, 2018).

Aceitar esse envelhecimento sendo mulher torna-se ainda mais complexo, Belo (2013) discorre que da mesma forma que a mulher se constrói mulher a partir do contexto social, a mulher velha se constrói como mulher velha. O construir-se velha implica, no imaginário social, em quase uma abdicação do ser mulher: a mulher velha deixa de ser mulher, e passa a ser apenas velha. Socialmente, o que se espera de uma mulher idosa vem atrelado a características impostas às mulheres desde a infância, como a fragilidade, o enfraquecimento, a dependência, a passividade, a submissão, a afeição, o cuidado, entre outras. Ao não conseguir se enquadrar no é que exigido, as mulheres idosas tendem a enfrentar uma velhice marcada por sentimentos de

inferioridade, de inutilidade, de negação da velhice e de negação da sexualidade (Salgado, 2002). A sensação que prevalece é a de invisibilidade, suas vontades e desejos são negados, seus sonhos aniquilados e seus discursos desconsiderados.

Na cena da Figura 3, esses fatores apontados tanto por Salgado (2002) quanto por Belo (2013), são explicitados. Os filhos de Grace e de Frankie encontram uma lista na internet que reúne sinais de que pessoas velhas precisariam ser cuidadas por outras pessoas, ou seja, sinais de que a pessoa idosa não possui mais condições de cuidar de si e de ser independente. Relatam a elas os pontos presentes na lista como uma forma de demonstrarem que, na percepção deles e, de certa forma da sociedade, elas não seriam mais capazes de cuidarem de si.



Figura 3: A lista negativa. Fonte: Episódio “A casa de repouso” da Série Grace & Frankie (A casa de repouso, 2018).

É observável que há não só a negação do estereótipo de velhice pelas personagens, ainda que esse seja apontado e perceptível, mas há também a desconsideração, pelos filhos, das provas e discursos que contradizem os pontos apresentados por eles. Isso é explicado ao compreender que na velhice há a concepção de que se está mais próximo da morte e da deterioração do que outros momentos da vida, fazendo com que as condições psicofísicas consideradas negativas ganhem uma atenção extrema, causando uma maior repercussão do que causaria na juventude,

por exemplo. A ideia de aniquilamento se faz mais presente, tanto no imaginário de si quanto do outro, e com ela surge o temor, o assombro da certeza da finitude (Maffioletti, 2005).

O que se percebe é que a negação da velhice presente no discurso das personagens, é utilizada não somente para o não enfrentamento e internalização da própria velhice, mas sim para que haja a evitação de sofrer com as consequências de ser uma pessoa velha perante a sociedade. No caso, o que se nota é que as consequências possíveis seriam a de tutelação e da perda do direito de escolha.

3. *Medo de ser tutelada*

Em *Grace & Frankie*, a tutela aparece como um assombro, como algo que deve ser evitado a todo custo, e por isso as personagens utilizam de meios e disfarces para que isso não aconteça. Seja esquivando do contato com os filhos ou até mesmo pela ocultação de situações consideradas de “alerta”. Ainda que haja a negação da velhice, o medo da tutela surge alinhado pelo o que Beauvoir (1990) define como o reconhecimento do envelhecimento em si, sendo essa feita pelo outro. Além de questões de idadismos, esse reconhecimento é feito a partir dos estigmas e estereótipos que o conceito carrega. Dessa maneira, haver a negação da velhice para si não impede que as mulheres idosas sofram com os pré-conceitos e estigmas provindos da velhice. É possível de observar esse movimento tanto na Figura 4 quanto na Figura 5. A cena da Figura 4 retrata a maneira como preferem esquivar-se das visitas de seus filhos para que não criem ideias errôneas sobre o modo como estariam vivendo, no caso, com a casa completamente desorganizada pós-roubo. Na Figura 5, a ocultação se repete, só que dessa vez, há a indicação do porquê de se ocultar os fatos da própria vida dos filhos e o que significaria o sinal de alerta.



Figura 4: A evitação do contato com os filhos. Fonte: Episódio “Os ratos” da Série Grace & Frankie (Os ratos, 2018).



Figura 5: A ocultação de situações dos filhos. Fonte: Episódio “Os ratos” da Série Grace & Frankie (Os ratos, 2018).

Embora não se tenha a percepção de si como alguém que envelheceu, se tem o entendimento de que o outro as reconhecem como pessoas envelhecidas e a partir disso, as atitudes tomadas são calculadas para que essas não as condenem a determinados futuros e destinos que não querem. As personagens de Grace e Frankie possuem a compreensão, ainda não expressa ou dita, de que seus comportamentos são estigmatizados por seus filhos, e para não provocar reações exageradas, evitam o contato e evitam a exposição de problemas, seja

para não criarem um “alerta de pânico”, ou para não serem colocadas em um asilo contra suas próprias vontades. Dessa forma, buscam esquivar-se da possibilidade de reafirmarem a ideia vigente na percepção de seus filhos de que não são mais capazes de cuidarem de si e de terem independência. Goffman (1963) ao trazer o conceito de estigma, ressalta que ainda que haja uma familiaridade com alguém, ainda que possa ser íntimo de uma pessoa, o menosprezo que essa sente, causado pela influência da visão da sociedade sobre o ser estigmatizado, não some e muito menos diminui. Inclusive, pode causar um afastamento da pessoa estigmatizada, isso ocorre porque essa pessoa se tornará mais propensa a esconder determinados fatos de sua vida que considere vergonhoso, com o medo do julgamento desse ser que é próximo.

Na Figura 6, o que se percebe é a tentativa de evitar a tutela apresentando fatos e comprovações de que estão sendo capazes de cuidarem de si e de terem suas próprias escolhas. Os fatos apresentados inclusive soam como indiretas aos filhos, que ainda não possuem casas ou faliram a empresa. Assim, buscando evidenciar que embora possam ter dificuldades – seja de locomoção ou de memória – isso não as impede de terem realizações.



Figura 6: A lista positiva. Fonte: Episódio “A casa de repouso” da Série Grace & Frankie (A casa de repouso, 2018).

Debert (2016) explica que ao conseguir se provar capaz e com funções dentro da sociedade, a mulher idosa atinge um êxito parcial em relação a relutância em aceitar ser dependente do outro. Entende-se que quando a autora utiliza o termo “parcial”, o faz para exemplificar que mesmo que consiga se provar útil e capaz, ainda existiram fatores que podem ser condenadores da mulher idosa para a dependência. Salgado (2002) nos leva a entender que o provar-se útil nesses casos, sendo mulher, vai muito além do que somente negar a velhice, mas assume principalmente a função de demonstrar-se viva e existente perante a sociedade. O que se nota é que no envelhecimento feminino, os estereótipos de gêneros e exigências em relação aos padrões de comportamentos são intensificados e ao não conseguir corresponder esses valores e reforçar os papéis de gênero, a mulher velha sofre o que é a semelhante a uma dupla exclusão.

Dessa maneira, torna-se imprescindível destacar que a desvalorização, exclusão e negação das vontades e direitos da mulher idosa perante a sociedade é intensificada não somente por ser velha, mas essencialmente por ser mulher.

4. A perda do direito de escolha

Na série, a perda do direito de escolha é algo que perpassa por todas as temporadas, sendo inclusive o principal fator de início de estabelecimento da relação das duas personagens principais. Ainda que este trabalho tenha em foco os três últimos capítulos da quarta temporada, vale ressaltar que o início da relação afetiva entre Grace e Frankie só ocorre a partir do momento em que se percebem forçadas a morarem juntas, mesmo sendo completamente distintas e com diferentes ideais de vida. Ou seja, o seriado, em si, tem seu começo a partir da perda do direito de escolher de Grace e Frankie.

Nos três episódios analisados, essa perda acontece estreitamente interligada com os estigmas presentes da velhice, com a negação do lugar de pessoa envelhecida e o temor da perda desse direito de escolher e de ser independente. A perda da independência acontece mais fortificada quando as personagens principais são institucionalizadas, porém antes dessa institucionalização, o que se percebe é que há uma manipulação por parte de seus filhos para que a escolha de morar em um abrigo pareça que tenha sido tomada por vontade própria. Tanto na Figura 7 quanto na Figura 8 os filhos das personagens se utilizam da negação da velhice de suas mães para as convencerem de que estar em uma instituição seria o melhor espaço para sua companhia. Dessa forma, a estratégia usufruída para que os filhos conseguissem o que queriam foi a de realçarem as situações e atitudes negativas. Provocando assim um compadecimento do sofrimento da outra, a partir da percepção dessa outra como sendo a velha e dependente.



Figura 7: Filhas de Grace convencem Frankie. Fonte: Episódio “A casa de repouso” da Série Grace & Frankie (A casa de repouso, 2018).



Figura 8: Filhos de Frankie convencem Grace. Fonte: Episódio “A casa de repouso” da Série Grace & Frankie (A casa de repouso, 2018).

Essa maneira de ludibriar a pessoa idosa é explicada por Beauvoir (1990) que argumenta que quando o velho depende de um adulto, ou por esse é influenciado, essa pessoa não lhe ordena, mas de forma dissimulada faz uso de artifícios, como a manipulação, para que determinadas exigências sejam acatadas sem que haja relutâncias e discordâncias em relação ao exigido. A manipulação feita para que Grace e Frankie acatassem o desejo de seus filhos e não escolhessem por si, só foi possível porque ambas não se percebiam como velhas. Mas não só, na cena da Figura 9, os filhos usam do argumento de que deveriam ser institucionalizadas juntas, pois só assim poderiam cuidar uma da outra.



Figura 9: Manipulação dos filhos. Fonte: Episódio “A casa de repouso” da Série Grace & Frankie (A casa de repouso, 2018).

A manipulação feita utiliza da co-dependência entre ambas, explicado pelo *Complexo de Cinderela*, formulado por Dowling (1982 como citado em Mesquita, 2014). Ou seja, a ideia de que uma necessariamente precisa exercer o papel de cuidadora da outra. Entende-se que essa co-dependência também ocorre por terem experienciado a mesma situação de abandono, por aqueles que, em seus imaginários, deveriam exercer o papel de cuidador e protetor. E assim, por terem vivenciado a dor de serem deixadas nesse momento da vida, fazem uso de meios para

que a outra não volte a experimentar esse abandono, mesmo que para isso precisem abdicar de seus direitos e vontades.

Na Figura 10, após serem institucionalizadas, o que se observa é que a negação do direito de escolha e de liberdade perde seus eufemismos e manipulações, passando a ser clara e objetiva. Há uma relutância de Grace e Frankie em renunciar suas vontades e desejos, se fazendo justificada justamente pela negação da velhice, que se apresenta perpassada pela questão da co-dependência entre ambas. Entretanto, essa resistência é ignorada, as falas silenciadas, seus desejos e necessidades negados.



Figura 10: Negação direito de escolha. Fonte: Episódio “A casa de repouso” da Série Grace & Frankie (A casa de repouso, 2018).

A negação do direito de escolha não se apresenta somente nessas situações mais explícitas, como mostrado na Figura 10. É demonstrado também na ocultação de objetos pessoais das personagens considerados como “perigosos”, na solicitação de seguirem

determinada rotina e na solicitação de fazerem atividades específicas em lugares específicos, ainda que não queiram. Na velhice, o autogoverno de si é refutado, dando lugar a um paternalismo que encontra justificativas nas limitações da pessoa idosa, porém, esse paternalismo traz consequências perigosas ao bem-estar subjetivo da pessoa velha, considerando que continuar sendo o protagonista de sua própria vida tem forte relação com a saúde e com a qualidade de vida. Afinal, é a partir das realizações, das concretizações de seus desejos, ainda que ínfimos, que se encontra um sentido de se estar vivendo e se colocando na vida (Bredemeier et. al, 2011).

Considerações Finais

Esse trabalho teve como objetivo analisar e discutir o envelhecimento feminino e a perda do direito de escolha no seriado *Grace e Frankie*. A partir do material analisado pode-se notar, por meio das categorizações, a maneira como a perda de independência encontra justificativas para a sua realização e manutenção – ainda que não plausíveis.

Constata-se uma série de implicações presentes no material analisado. Nota-se que a concepção de velhice é rejeitada pelas ideias que o conceito evoca, porém, se percebe que a negação da velhice ocorre não somente por isso, mas conjuntamente com o entendimento de que ao negar o envelhecimento estarão também negando as possibilidades de sofrerem as decorrências de ser uma mulher velha na sociedade. Se nota que a retirada do direito de escolha acontece de maneira gradual, iniciando-se de forma eufemística para que progressivamente se torne mais explícita e imposta. Dessa forma, torna-se mais difícil estabelecer uma resistência em relação a perda do direito de escolha. O seriado *Grace e Frankie* contribui para que se tenha a percepção das diversas possibilidades que se encontram na velhice. Embora o seriado esteja em uma plataforma de streaming paga, onde o conteúdo é disposto a um limitado número de pessoas, não atingindo uma totalidade populacional, é necessário evidenciar a importância que

hoje o mesmo assume em relação a mídia, principalmente por trazer, em uma sociedade de valorização ao jovem, duas personagens idosas como protagonistas.

Ainda que o propósito deste trabalho não tenha sido analisar as relações desiguais de gênero, faz-se necessário destacar as diferentes formas que o envelhecimento é retratado em relação as mulheres e aos homens. Nos três episódios analisados é possível constatar isso de forma clara. Enquanto Grace e Frankie sofrem dezenas de descrenças, de inviabilidade de si, de retirada de autonomia e controle, Robert e Sol, mesmo sendo mais velhos que elas, vivenciam novas experiências, novas oportunidades, seja no campo das artes ou da sexualidade.

As limitações encontradas para a realização desse trabalho dizem respeito principalmente a dificuldade em encontrar pesquisas atuais sobre o tema, tanto em relação a perda da independência quanto em relação a velhice, e também ao fato de que a análise foi realizada a partir de um recorte, de uma sequência de fatos de três episódios apenas, fazendo com que houvesse uma redução do conteúdo abarcado na série, não abarcando por completo todas as suas especificidades. A partir disso, sugere-se novas pesquisas e estudos voltados para a área, buscando compreender o tema de maneira mais aprofundada, podendo abarcar integralmente as particularidades presentes no mesmo.

Referências Bibliográficas

- Altman, M. (2011). O envelhecimento à luz da psicanálise. *Jornal de psicanálise*, 44(80), 193-206. Recuperado em 11 de fevereiro de 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352011000100016&lng=pt&tlng
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições, 70, 125-132.
- Barros, M. (2003). *Memórias Inventadas* (1ª ed.). São Paulo: Planeta.
- Beauvoir, S. (1990). *A velhice*. (3ª ed.) Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Belo, I. (2014). Velhice e mulher: vulnerabilidades e conquistas. *Revista Feminismos*, 1(3).
- Bredemeier, L. M. C., Wolff, H. S, Santos, M. R. M., Accurso, A., Soares, P. A., Riegel, C., & Noguez, C. S. (2011). Autonomia na velhice: Concepções de idosos participantes de um programa de ação social. *Revista Estudos Interdisciplinares em Envelhecimento*, 16[Edição especial], 371-384. Recuperado em 02 de março de 2019 de <https://www.seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/17920>
- Bressan, F. (2000). O método do estudo de caso. *Administração on line*, 1(1), 1-13.
- Chizzotti, A. (2003). A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. *Revista portuguesa de educação*, 16(2).
- Debert, G. G. (2016). Envelhecimento e representações sobre a velhice. *Anais*, (VI), 537-556.
- Freitas, W. R., & Jabbour, C. J. (2011). Utilizando estudo de caso (s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões. *Revista Estudo & Debate*, 18(2). Recuperado em 11 de abril de 2019 de <http://www.meep.univates.br/revistas/index.php/estudoedebate/article/view/560/550>
- Goffman, E. (1963). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade*. Tradução: Mathias Lambert, 4.
- Goldenberg, M. (2011). Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira. *Contemporânea* (Título não-corrente), 9(2). <https://doi.org/10.12957/contemporanea.2011.2143>
- Kauffman, M. (Produtor), Morris, J. H. (Produtor), Taylor, T. (Diretor) & Winant, S. (Diretor) (2015). *Grace & Frankie* [Streaming]. Los Angeles, CA: Netflix.

- Maffioletti, V. L. R. (2005). Velhice e família: reflexões clínicas. *Psicologia: ciência e profissão*, 25(3), 336-351. Recuperado em 10 de maio de 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932005000300002&lng=pt&tlng=pt.
- Mesquita, P. (2014). *Envelhecimento feminino: afetividade e sexualidade aos 60*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Oliveira, L. (2012). *Atitudes sexuais e idadeismo na terceira idade*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Rosa, C. M., & Vilhena, J. (2017). O silenciamento da velhice: apagamento social e processos de subjetivação. *Revista Subjetividades*, 16(2), 9-19. <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.16.2.9-19>
- Salgado, C. D. S. (2002). Mulher idosa: a feminização da velhice. *Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento*, 4. Recuperado em 14 de fevereiro de 2019 de <https://www.seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/4716/2642>
- Velho. (2018). *Dicionário Online de Português*. Porto: 7Graus. Recuperado em 11 de fevereiro de 2019 em <https://www.dicio.com.br/velho/>.
- Vilhena Novaes, J., & Barreto, L. (2017). Repensando novas representações da velhice: relato de uma experiência na mídia. *Polêm!ca*, 17(4), 030-041. <https://doi.org/10.12957/polemica.2017.34311>